

DIVULGAÇÃO

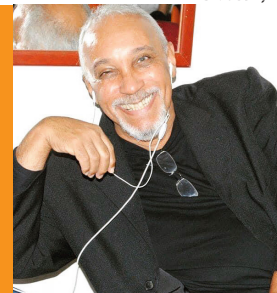
ARTIGO

A encíclica que leva a Igreja a debater a Inteligência Artificial » 2



CULTURA

46 anos formando vozes e histórias na Universidade Federal » 4



DIVULGAÇÃO

Quando o cinema pode mudar histórias de vida

O projeto nascido na cidade de Vila Velha cresceu, virou instituto e hoje transforma a cultura em instrumento de cidadania às vítimas de violência » 3

FOTO: DEMÉTRIUS JULICE



IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

O Papa Leão XIV e os dilemas da tecnologia

A Encíclica Magnifica humanitas (em português: Magnífica humanidade), primeiro documento papal de Leão XIV, publicada em maio deste ano, deve ser lida não só por nós, católicos, mas por todos aqueles que realmente se interessam pela evolução do gênero humano.

O documento pontifício mostra, em primeiro lugar, que para a Igreja não há incompatibilidade entre a ciência e a religião. O texto faz uma menção direta e profunda à Encíclica Rerum Novarum ("Das Coisas Novas"), de Leão XIII, publicada em 1891, que debateu a grave situação dos trabalhadores gerada pela Revolução Industrial, propondo uma via que rejeitava tanto os excessos do capitalismo quanto as propostas do socialismo. Considero que o primeiro grande documento a apresentar soluções de convivência entre a liberdade econômica e a justiça social foi a referida encíclica e não os livros daqueles autores do século XIX que propugnavam a luta de classes.

As diversas encíclicas escritas a partir da Rerum Novarum re-

velam como a Igreja tem demonstrado compatibilidade e preocupação não só com o ser humano em sua relação com Deus, mas também com o papel de cada indivíduo na convivência com seus semelhantes.

G. K. Chesterton (1874-1936), escritor inglês e defensor da fé e da tradição católica, dizia que nós não vemos o plano de Deus porque estamos do lado de trás de uma tapeçaria, vendo apenas a cordalha (o avesso da tapeçaria) que lá existe. Mas Deus está vendo o desenho que fez para cada um de nós, a beleza da tapeçaria que está à frente d'Ele.

O que a Encíclica Magnifica humanitas procura mostrar sintetiza-se em três pontos: os desafios contemporâneos da sociedade; a plena compatibilidade entre a ciência e a religião; e, finalmente —

sendo este o aspecto mais relevante —, os dilemas trazidos pela inteligência artificial.

O documento pondera tanto os seus benefícios quanto o risco de sua exploração negativa contra a humanidade, alertando especificamente para o perigo de a tecnologia anular o discernimento moral e desumanizar as relações de trabalho, assim como a Revolução Industrial ameaçou o operariado na época da Rerum Novarum. Mostra, enfim, que devemos aprender a utilizar essa poderosa ferramenta tecnológica para o bem comum, protegendo o gênero humano de seus efeitos nocivos.

Ao traçar esse paralelo histórico, o Sumo Pontífice nos recorda que o progresso técnico, isolado de uma sólida moldura ética, tende a converter o ser hu-

mano em mero insumo produtivo. Se no século XIX a máquina a vapor ameaçava subjugar a força física do operário, no alvo-recer deste milênio os algoritmos e os sistemas autônomos colocam em xeque a própria singularidade do intelecto e do livre-arbítrio.

A mensagem de Leão XIV, portanto, não se reveste de um teor de oposição à tecnologia; ao contrário, ela nos convoca a resgatar a primazia da pessoa humana sobre a técnica, assegurando que a inteligência artificial sirva como instrumento de emancipação e de justiça distributiva, e nunca como vetor de novas e mais profundas desigualdades sociais.

Desse modo, a leitura desta encíclica transcende o debate estritamente teológico para fi-

nar-se como um autêntico tratado de Direito Natural e de preservação da dignidade humana. Diante de uma realidade cada vez mais fragmentada pelo relativismo e pela velocidade das transformações digitais, o documento papal surge como um guia de lucidez e de esperança.

Tenho a impressão de que é uma encíclica que todos devemos ler, crentes ou não, católicos ou de outras convicções, pois apresenta os grandes problemas da atualidade, de toda a humanidade, trazendo sugestões muito interessantes para a convivência pacífica e harmoniosa, inclusive na busca de que o bem triunfe sobre o mal.

Vale, pois, a pena ler esse importante documento, que é a Encíclica Magnifica humanitas, do Papa Leão XIV.

PUBLICAÇÃO LEGAL

bianca@eshoje.com.br

D4Sign

BDC COMUNICACOES LTDA

23895081000130

Aplicado

EDITAIS • COMUNICADOS • BALANÇOS • CONVENÇÕES • PRESTAÇÕES DE CONTAS



ESHOJE® SEGUNDA-FEIRA, 13 DE JULHO DE 2026 || WWW.ESHOJE.COM.BR || BIANCA@ESHOJE.COM.BR || ANUNCIE: (27) 2180-0678 PAG.1

W2W E-COMMERCE DE VINHOS S.A.

CNPJ/ME nº 09.813.204/0001-16 - NIRE: 32.300.033.512

ATA DE REUNIÃO DE DIRETORIA REALIZADA EM 29 DE JUNHO DE 2026

Data, hora, local: 29.06.2026, 15hs, por videoconferência, pela plataforma Google Meet ("Plataforma Digital"). **Presença:** Maioria dos membros eleitos e empossados da Diretoria da Companhia: Alexandre Magno da Cruz Oliveira Filho, Gabriel Benz Lorenzoni, German Garfinkel e Danilo Sampaio Zorzi. **Mesa:** Presidente: Alexandre Magno da Cruz Oliveira Filho. Secretário: Danilo Sampaio Zorzi. **Deliberações aprovadas:** 1. Na qualidade de única sócia quotista da controlada Futura Comercial Trading Ltda, CNPJ nº 00.163.222/0001-25, a contratação da operação financeira de comércio exterior junto ao Banco C6, mediante as seguintes condições: Instituição Financeira: Banco C6; Exportador: Casella Family Brands; Valor Bruto da Operação: EUR 30.693,60; Taxa de Juros: Variação Cambial (VC) + taxa de até 8,00% a.a. (ao ano) Prazo: 136 dias. 2. Autorizar, em conformidade com o Artigo 22 do Estatuto Social, a Diretoria da W2W E-Commerce de Vinhos S.A. e de sua controlada Futura Comercial Trading Ltda, bem como seus procuradores devidamente constituídos, conforme o caso, a praticarem todos os atos, tomarem todas as providências e adotarem todas as medidas necessárias à execução da operação aprovada, incluindo, mas não se limitando a: (i) celebrarem todos os documentos necessários à realização e formalização do contrato, assim como qualquer outro instrumento, aditamento, requerimento, formulário, declaração e termo relacionado a ele; (ii) discutirem, negociarem e definirem todos os termos e condições que venham a ser aplicáveis a todos e quaisquer outros instrumentos, aditamentos, requerimentos, formulários, declarações, termos e/ou demais documentos pertinentes à contratação. **Encerramento:** Nada mais. Alexandre Magno da Cruz Oliveira Filho - Presidente. JUCEES Certifico o Registro em 30/06/2026 sob nº 20261325450. Protocolo: 261325450 de 29/06/2026. Paulo Cezar Juffo - Secretário Geral.

Publicação Legal é aqui

Q <https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>

Contato:
bianca@eshoje.com.br/
27 2180-0678

Seja no impresso ou no digital, Publicação Legal é aqui.

Contato Comercial
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br
27 2180-0678

ESHOJE®

D4Sign 96f57413-6a0d-4d7f-a5fb-3c994edf3016 - Para confirmar as assinaturas acesse <https://secure.d4sign.com.br/verificar>
Documento assinado eletronicamente, conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2. Brasil

ESHOJE

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALIS

A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Daniele Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danielcouthinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Boueri
Eduardo Aencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilioti
Thierry Khalil
PH Caetano
Mary Martins

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:

 /eshoje
 @eshoje
 eshoje
 eshoje

Cultura para empoderar, unir e acolher mulheres

Instituto mostra como cinema, literatura e arte podem fortalecer o gênero contra a violência

CAROLINA BOUERI
jornalismo@eshoje.com.br

Nem sempre uma transformação começa com uma política pública ou um grande investimento. Às vezes, ela nasce quando as luzes se apagam, um filme começa e um grupo de mulheres decide permanecer na sala para conversar. Foi assim que surgiu, há cinco anos, em Vila Velha, o Cine Por Elas. O que começou como um cineclubes feminista tornou-se um instituto reconhecido como Ponto de Cultura pelo Ministério da Cultura e hoje utiliza cinema, literatura, oficinas e intervenções urbanas para promover autonomia, informação e acolhimento feminino.

Ao longo da trajetória, o projeto deixou de enxergar a cultura apenas como entretenimento. Cada sessão de cinema passou a funcionar como ponto de partida para discussões sobre violência doméstica, maternidade, racismo, direitos, saúde, diversidade e participação política. A arte tornou-se uma linguagem capaz de aproximar mulheres de diferentes histórias e criar espaços seguros para compartilhar experiências muitas vezes silenciadas.

Essa escuta permanente acabou moldando a própria atuação do grupo. O antigo coletivo cresceu, formalizou-se como Instituto Cine Por Elas em 2025 e, poucos meses depois, recebeu o reconhecimento como Ponto de Cultura. A mudança permitiu ampliar parcerias, acessar editais e estruturar ações continuadas, mantendo a proposta original de colocar a cultura a serviço da transformação social.

ARTE E DIÁLOGO PARA MUDAR

Os projetos desenvolvidos pelo instituto mostram que o cinema passou a ser apenas uma das ferramentas utilizadas para alcançar mulheres em diferentes contextos.

Um dos exemplos mais recentes é o Erguer a Voz, realizado com moradoras do bairro Normília da Cunha, na Região 5 de Vila Velha. Durante três meses, quinze participantes acompanharam rodas de conversa conduzidas por psicólogas, discutindo relações de gênero, raça, violência do-



FOTO: DEMÉTRIUS JULICE

Sessão de filmes do Cine por Elas, que marcou o início do trabalho de resgate das mulheres



FOTO: DEMÉTRIUS JULICE

Palavra colada: a arte do Lambe como forma de expressão

méstica, direitos e redes de proteção.

Mais do que transmitir informações, os encontros privilegiaram a escuta, o acolhimento e a construção coletiva de estratégias para romper ciclos de

violência. A iniciativa ganhou, neste mês, o Prêmio Elas e o 1º Prêmio de Boas Práticas da Secretaria Estadual das Mulheres, reconhecimento que consolidou o projeto como uma referência em prevenção por meio

da educação e da cultura.

Outra iniciativa que traduz essa aproximação entre arte e território é o Palavra Colada. Quinze escritoras de Vila Velha tiveram textos selecionados para ocupar muros e espaços culturais da cidade por meio da técnica do lambe-lambe. Ao todo, foram instaladas 21 intervenções artísticas em três equipamentos culturais, levando a produção literária feminina para além dos livros e aproximando a escrita do cotidiano urbano.

A literatura, aliás, tornou-se um dos pilares permanentes do instituto. O projeto Livro Por Elas, realizado desde 2023, promove a leitura de obras escritas por autoras capixabas, combinando rodas de conversa, oficinas de escrita criativa e encontros virtuais de alcance nacional. A proposta é ampliar a circulação da produção literária feminina do Espírito Santo e incentivar novas escritoras a compartilharem suas narrativas.

Usando as telas do cinema para mudar vidas

DESDE SUA criação, o Cine Por Elas nunca se limitou às exibições cinematográficas. Ao longo desses cinco anos, desenvolveu biblioteca feminista, ações sobre dignidade menstrual, cursos de formação, feira voltada ao empreendedorismo feminino, sessões itinerantes em comunidades e projetos de educação cultural. O relatório de atividades revela uma característica constante: cada iniciativa nasce a partir da escuta das mulheres atendidas e busca responder a demandas concretas identificadas nos territórios onde atua.

Essa lógica ajuda a explicar a evolução da organização. O que começou reunindo dezenas de mulheres em sessões de cinema hoje mobiliza diferentes linguagens artísticas para fortalecer vínculos comunitários, ampliar o acesso à informação e estimular o protagonismo feminino.

Em tempos em que o debate público costuma associar cultura apenas ao entretenimento, a experiência do Instituto Cine Por Elas mostra um caminho diferente. Quando encontra espaço para provocar diálogo, incentivar a leitura, ocupar a cidade e criar redes de apoio, a cultura deixa de ser apenas palco para tornar-se instrumento de cidadania. E, em muitos casos, pode representar o primeiro passo para que uma mulher descubra que sua história merece ser contada — e, principalmente, transformada.

FOTO: POLYANNA POLYCARPO



Yanna Polycarpo

Fabiola Mazine fundou o Cine

Claudio Modesto, uma vida dedicada ao canto

Maestro e contratenor capixaba fala sobre trajetória, formação musical e o papel da arte

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Ao longo de quase cinco décadas, o maestro e contratenor Claudio Modesto construiu uma trajetória marcada pela dedicação à música erudita e à formação de gerações de cantores no Espírito Santo. Reconhecido como uma das principais referências da música coral capixaba, ele transformou salas de ensaio, palcos e igrejas em espaços de aprendizado, sensibilidade e construção coletiva, consolidando um legado que ultrapassa apresentações e concertos.

Regente titular do Coral da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Claudio aperfeiçoou seus estudos na Europa e nos Estados Unidos, ampliando uma formação que se refletiu na qualidade artística dos grupos que dirigiu. Como cantor, interpretou obras consagradas do repertório sacro e sinfônico, enquanto, à frente de corais e conjuntos vocais, ajudou a aproximar o público capixaba de compositores universais e da riqueza da música coral.

Sua atuação também alcançou instituições como Sebrae, Tribunal de Contas do Estado e a Associação Coro de Câmara de Vitória, além do atual trabalho com o Opus Liberi Ensemble, frequentemente em parceria com a Orquestra Sinfônica do Espírito Santo. Em todas essas experiências, a formação de novos músic

cos permaneceu como um dos pilares de sua carreira.

Na entrevista a seguir, Claudio Modesto revisita os primeiros passos na música, relembra momentos decisivos de sua formação, comenta os desafios enfrentados pela música coral e reflete sobre o papel da arte na educação, na cultura e na transformação da sociedade. Uma conversa sobre vocação, disciplina e a força da música como instrumento de desenvolvimento humano.

“A Orquestra Sinfônica do Espírito Santo é uma das melhores do país, temos muitos corais espalhados”

ES Hoje: O que marcou seus 46 anos no Coral da UFES?

Claudio Modesto: O Coral da Ufes foi fundado em 1976 pelo maestro Adolfo Alves (inclusive, este ano o coral está fazendo 50 anos de existência), mas durou apenas um ano. Em 1978, retomaram o coral com outro maestro, mas durou apenas seis meses. Em 1980, fui convidado pelo Rômulo Penina, então reitor da Ufes, para reestruturar o coral que estava desativado. Consegui manter o coral até os dias de hoje, com muito trabalho, principalmente porque a característica do coral da Ufes é ser muito rotativo, o que dificulta muito o trabalho e desenvolvimento artístico do grupo. E mesmo assim consegui desenvolver artisticamente o grupo a ponto de hoje ser referência nacional. Participamos de inúmeros festivais e concursos, como o Concurso Nacional de Corais da rádio Jornal do Brasil e o Concurso Nacional de Corais Vila Lobos, ambos no Rio de Janeiro, na Sala Cecília Meireles e no MAM. Nesses concursos, ficamos em quarto e quinto lugar, respectivamente, e isso me dá muito orgulho.

Como os estudos no exterior influenciaram sua carreira?

Fui bolsista pela Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, em 1992 e 1993, no curso universitário de Música em Compostela, onde me especializei em canto lírico e música espanhola. Fiz pequenos cursos de canto com renomados professores como Maria Foltyn da Ópera de Varsóvia e Franco Iglesias, que era



Coral da Ufes ganhou reconhecimento no cenário nacional, com participação em eventos

preparador vocal do Metropolitan Ópera de New York. Esses cursos com toda certeza me abriram horizontes e conhecimentos técnicos que foram fundamentais para minha carreira, principalmente como cantor lírico, e me abriram muitas portas.

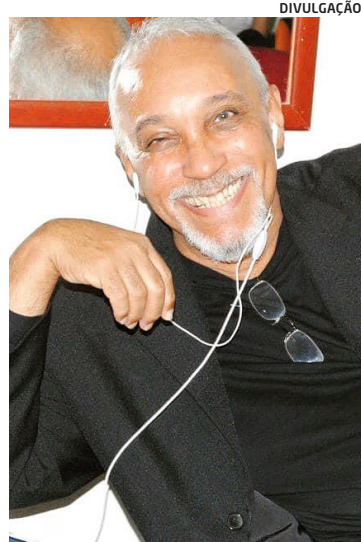
Qual a importância das grandes obras para a música capixaba?

Vitória já foi muito carente de grandes espetáculos musicais, grandes concertos, mas hoje não mais. A Orquestra Sinfônica do Espírito Santo hoje é uma das melhores do país, temos muitos corais espalhados pela cidade e pelo estado. Quando comecei, éramos dois ou três maestros trabalhando na formação de corais. Abrimos as portas e hoje podemos ver o resultado e nos orgu-

lharmos muito disso. Fomos precursores.

De que maneira o senhor vê o futuro da música coral no Brasil?

Comecei a minha carreira musical em 1972, quando me inscrevi em um teste para a formação do coral da extinta Fundação Cultural do Espírito Santo e ali me apaixonei pelo canto coral. Naquela época, o canto coral estava sempre associado às igrejas e apenas músicas da liturgia, e nesse coral pude ter contato com a música profana que não estava ligada à religião e à música popular e folclórica brasileira. Fazíamos esse tipo de música e fomos formando um público que passou a ver a música coral de uma outra forma. Cantar aquela música que o público conhecia de ouvir no rádio numa linguagem de canto coral fez com que ele entendesse que a música coral não era só aquela cantada nas igrejas. E, como resultado, tínhamos os teatros lotados (o que antes era impossível), apreciando a nossa música e até mesmo trazendo novos componentes para o coral, porque as pessoas estavam ouvindo aquilo que elas conheciam e também estimulamos a criação de inúmeros corais Brasil afora.



“Vitória já foi muito carente de grandes musicais, grandes concertos, mas hoje não mais”



Canto coral se expandiu das igrejas para os palcos dos teatros no ES